

# *Metafísica da natureza*

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

ARTHUR SCHOPENHAUER

*Metafísica da natureza*



Tradução, apresentação, notas e índice

Jair Barboza



editora  
unesp

© 2023 Editora Unesp

Título original: *Metaphysik der Natur*

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

---

S373m

Schopenhauer, Arthur

Metafísica da natureza / Arthur Schopenhauer; traduzido por  
Jair Barboza. – São Paulo: Editora Unesp, 2023.

Tradução de: *Metaphysik der Natur*

ISBN: 978-65-5711-188-8

I. Filosofia alemã. 2. Arthur Schopenhauer. I. Barboza, Jair.  
II. Título.

2023-1363

CDD 193

CDU 1(43)

---

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

## Sumário

Apresentação – *Metafísica da natureza*: vontade, aparência e fenômeno . 7

*Jair Barboza*

### Metafísica da natureza

- 1 Sobre o conceito de metafísica . 17
- 2 O problema da metafísica (e sua relação com o problema de outras ciências) . 25
- 3 Solução do problema através da demonstração preliminar da identidade do corpo com a vontade . 37
- 4 Problema da essência em si dos objetos dados meramente na intuição do entendimento, e solução preliminar . 51
- 5 Demonstração detalhada da identidade do corpo com a vontade . 59

- 6 Aplicação dessa intelecção a toda a natureza com vistas ao conhecimento da essência em si de qualquer aparência . 77
- 7 Determinação do conceito de vontade em seu uso como conceito fundamental da metafísica . 81
- 8 Consideração da vontade como coisa em si e das *características metafísicas* que lhe são inerentes (unidade, sem fundamento, desprovida de conhecimento) . 87
- 9 Consideração da aparência da vontade como independente do conhecimento, e a esse respeito demonstração da aparência da vontade em sequência descendente de graus por toda a natureza . 93
- 10 Referência da coisa em si à sua aparência, ou referência do mundo como vontade ao mundo como representação . 127
- 11 Os graus de objetivação da vontade . 149
- 12 Escalonamento da objetivação da vontade em linha ascendente . 153
- 13 Consideração sobre a vontade em referência à gradação e à pluralidade de suas aparências . 203
- 14 Teleologia da natureza . 207
- 15 Elucidações finais . 229
- Índice de assuntos . 237

*Apresentação*  
Metafísica da natureza:  
*vontade, aparência e fenômeno*

*Jair Barboza*

Na *Metafísica da natureza*, do Boddhishatva de Frankfurt, que ora disponibilizo ao público de língua portuguesa e que faz parte do conjunto de suas preleções lidas em Berlim no ano de 1820, trata-se de uma cosmologia, que precede sua estética ou, como ele prefere, *Metafísica do belo*.<sup>1</sup>

Schopenhauer trabalha, nestas preleções, com uma motivação similar à dos filósofos pré-platônicos, vale dizer, o empenho por apreender os elementos constitutivos da natureza, não por mitos, mas no estofo da própria natureza. Dessa perspectiva, sua metafísica da natureza postula uma atividade originária e imemorial, *Tätigkeit*, que instituiu e atravessa o cosmo. Quem investiga o cosmo pode, no entanto, através de uma especial intelecção na subjetividade, reconhecer que o próprio ín-

---

1 Há em verdade um conjunto de quatro preleções do autor, nomeadamente: 1. “Teoria de toda representação, pensamento e cognição”; 2. “Metafísica da natureza”; 3. “Metafísica do belo”; 4. “Metafísica dos costumes”, quadripartição esta que espelha tematicamente os quatro livros da obra magna do filósofo, *O mundo como vontade e como representação* (São Paulo: Ed. Unesp, 2 tomos, trad. Jair Barboza).

timo consiste nessa atividade, a qual, no corpo do investigador, se manifesta em diversos sentimentos. O investigador, nesse sentido, não é uma cabeça alada de anjo, *geflügelter Engelskopf*, mas possui uma individualidade, cuja atividade interior é a mesma do cosmo e que Schopenhauer denomina Vontade de vida, *Wille zum Leben*.

De acordo com o autor, todo *ato da vontade* é ao mesmo tempo *ação do corpo*. Os dois são uma única e mesma coisa – não havendo relação causal entre eles –, apenas dados de duas maneiras diferentes: uma, imediatamente, o ato; outra, mediatamente, a ação intuída pelo entendimento. Por sua vez, qualquer ação sobre o corpo provoca um abalo da vontade que, se desagradável, denomina-se dor e, se agradável, prazer. Dessa forma, introduz-se na metafísica da natureza schopenhaueriana a nuclear noção de objetividade da vontade, *Objektivität des Willens*, ou seja: o corpo é concretude do querer. Em outras palavras, o corpo é minha representação no cérebro, mas também é minha vontade. É a assim chamada verdade filosófica por excelência, ou seja, “a referência de um juízo à relação que uma representação intuitiva, o corpo, tem com aquilo que absolutamente não é *representação*, mas algo *toto genere* diferente desta, *vontade*”.

A vontade do investigador, que é descoberta como o núcleo de seu ser, pode, em seguida, ser por ele transposta analogicamente para toda a natureza através de uma especial introspecção da causalidade que atua em seu corpo. De fato, prossegue Schopenhauer, cada movimento de nosso corpo animal se dá por motivo, *Motiv*; por sua vez, cada movimento de um ser inorgânico se dá por causa em sentido estrito, *Ursache*; e cada movimento de um vegetal se dá por estímulo, *Reiz*. Porém, em todos esses casos, tem-se o mesmo princípio da causalidade

movente, *Kausalität*. Logo, se o investigador da natureza, em sua introspecção, compreende a causalidade de seu próprio corpo, através das ações deste, compreende ao mesmo tempo a natureza da causalidade em geral que movimentam todos os corpos, orgânicos ou inorgânicos, isto é, apreende o ímo do mundo, sua atividade essencial – precisamente a vontade.

Assim, essa metafísica da natureza apresenta sua decifração do enigma do mundo não por deduções a partir de conceitos, mas pela sensibilidade e pelos sentimentos. Com isso, a noção de corpo eclode pela primeira vez na filosofia ocidental como um operador epistêmico angular que abre horizontes filosóficos para, dentre outros, o fisiologismo de Nietzsche, a teoria dos impulsos de Freud, a psicologia do inconsciente de Jung, pensadores estes que se movimentam no horizonte do inconsciente cego e volitivo indicado por Schopenhauer, já que a apontada vontade como essência do cosmo é puro ímpeto cego, *blinder Drang*, raiz de todos os sentimentos e de todas as emoções, fundo abissal do ser humano (e dos demais seres), que assim não é mais senhor em sua própria casa, pois, em vez de agir de maneira psicologicamente autônoma através da faculdade de razão, ao contrário, é algo outro, volitivo, de dentro de si, que detém o poder de suas decisões e movimentos.

Vontade cega e inconsciente que gradativamente adquire clara visão ao emergir de sua inconsciência, objetivando-se em diversos reinos naturais, os quais se apresentam como seu reflexo no espelho da representação, vale dizer, como produtos de sua infinda e incansável atividade imemorial. Seres cada vez mais complexos mostram como a vontade é o núcleo ativo do cosmo, que, nessa sua atividade essencial, em se tratando da Terra, se ergue desde a inconsciente massa planetária até a consciência humana.

Temos nessa cosmologia, na verdade, um monismo que procura unir a doutrina de Kant sobre a coisa em si e a de Platão sobre a Ideia. Quer dizer, Schopenhauer interpreta as arquetípicas Ideias platônicas como atos originários da coisa em si, a Vontade, instituídos em graus ascendentes, compreendidos como espécies da natureza, que vão desde o âmbito a-racional à razão humana.

Tomamos a palavra Ideia em sua significação autêntica, originária, estabelecida por Platão. Eu entendo, pois, sob IDEIA, cada fixo e determinado grau de objetivação da vontade, na medida em que esta é coisa em si, como tal alheia à pluralidade. Esses graus de objetivação relacionam-se com as coisas singulares, com os indivíduos de todo tipo, decerto como suas formas eternas ou seus protótipos.

Tais Ideias são justamente aquilo que possibilitam reflexos no espelho da Vontade que é a natureza diante de nós, e assim permitem que a cosmologia de Schopenhauer opere no polo atemporal da representação. Por sua vez, as Ideias são figuradas limpidamente na arte, que é definida como exposição de Ideias. As obras de arte reproduzem, de maneira adequada, a atividade cosmológica da Vontade, que é de vida. Cada Ideia é uma representação independente do princípio de razão, isto é, independente do tempo, do espaço e da causalidade; é um modelo imutável daquilo que, no espaço, é mutável e transitório, devido ao tempo. Cada Ideia é una e indivisa como a própria Vontade e a esta primeiro objetiva perfeitamente, antes de entrar em cena no mundo efetivo imperfeito na forma de indivíduos. Portanto, o domínio das Ideias configura, nos seres que a representam, uma espécie de *ontologia de superfície*.

Ocorre que nesse percurso de manifestação da Vontade como atividade em si do cosmo, as Ideias, para se objetivarem na efetividade como espécies da natureza, precisam de matéria (estofo), que é sinônimo de espaço. Este, por meio do embate causal dos diversos seres, vem a ser ocupado por seus corpos, algo que necessariamente gera conflito, pois cada ser quer bem objetivar sua espécie e para isso precisa conquistar matéria. Desse modo, o mundo torna-se um campo de batalha, no qual quem não devora é devorado, quem não aniquila é aniquilado. Por isso, infere Schopenhauer, a Vontade de vida devora a si mesma e precisamente assim, em uma autofagia, aparece como mundo; daí o sofrimento universal das criaturas, toda vida é sofrimento, *alles Leben ist Leiden*.

### Sobre a tradução do termo alemão *Erscheinung* por aparência, em vez de fenômeno

Como acabei de expor, na metafísica da natureza de Schopenhauer, a Vontade, como atividade cósmica, objetiva-se mediante atos originários e torna-se mundo, vale dizer, *aparece* em indivíduos que representam suas respectivas Ideias arquetípicas, ou espécies. Nesse sentido, as aparências do mundo, *Erscheinungen*, são como reflexos, imagens temporais e fugidias das arquetípicas Ideias eternas. Trata-se, nesse teatro de vida e de morte da existência apresentado por Schopenhauer, de uma visão de mundo através do véu de *māyā* cognitivo que é o princípio de razão do entendimento, e sua forma arquetípica do tempo, no qual nada subsiste. Nesse contexto de irrealidade do que é transitório, escolhi verter *Erscheinung* precisamente por aparência, já que, em língua portuguesa, tal termo, tanto em

seu emprego culto quanto em seu emprego ordinário, assume o sentido daquilo que é oposto à essência de algo; daí dizermos que “as aparências enganam”. Nessa acepção, o termo corresponde muito bem àquilo que Schopenhauer quis dizer quando postula que o mundo dos entes efetivos submetido ao princípio de razão, submerso na transitoriedade do tempo, é inessencial, sempre vem a ser, mas nunca é. Mundo este que apresenta uma realidade apenas aparente, já que aquilo que aparece, a Vontade como coisa em si, é por inteiro diferente da representação. O que aparece é aparência da essência, não a essência em si. Há aqui, pois, um “profundo abismo entre o ideal e o real”, isto é, entre o mundo como o apreendemos pelo intelecto e suas formas do espaço, do tempo e da causalidade, e a atividade volitiva que manifesta o mundo. Em consequência, o mundo como me aparece no cérebro é um composto de simulacros. Uma passagem do autor bem ilustra seu pensamento: em § 5 de *O mundo como vontade e como representação*, tomo I, Schopenhauer cita Píndaro: “O ser humano é o sonho de uma sombra”. Depois, cita Sófocles: “Vejo que nós, viventes, nada somos senão simulacros, sombras fugidias”.

Já o termo fenômeno, bastante usado em língua portuguesa (devido à influência dos primeiros tradutores de linhagem kantiana) para verter o termo alemão *Erscheinung*, não funciona bem no contexto da filosofia de Schopenhauer (ousou dizer que nem mesmo no contexto da filosofia de Kant), precisamente porque o autor emprega o termo grego germanizado *Phänomen* quando se refere às *aparências extraordinárias*, isto é, *instantes de irrupção da identidade metafísica da Vontade no mundo efetivo*. Ademais, o termo fenômeno corresponde, na maioria das vezes, no Brasil,

a esse sentido extraordinário, por exemplo quando dizemos que um genial jogador de futebol é um fenômeno ao destacar-se entre os jogadores comuns; ou quando nos referimos a um acontecimento natural de grande proporção e poder etc. Os exemplos que o autor fornece de *Phänomen* são poucos e raros, como é o caso da “simpatia”, que compreende a compaixão, o amor sexual e a magia, ou o caso da negação da Vontade, do suicídio etc.,<sup>2</sup> fenômenos estes todos compreendidos como a irrupção da Vontade no mundo das aparências, ou seja, são instantes nos quais ela de imediato transpassa o véu de *māyā* do princípio de razão e se apresenta de modo, por assim dizer, nu. Isso faz Schopenhauer ser bastante econômico no uso do termo *Phänomen*.

Por seu turno, o termo *Erscheinung* é abundante em seus textos. Indica o fluxo comumente perceptível das ocorrências da efetividade que manifestam imperfeitamente a Vontade. É um termo cujo sentido conceitual não serve, penso, para ser vertido por “aparição”, que seria outra possibilidade de tradução, pois aparição, entre nós, assume em diversos contextos o sentido daquilo que Schopenhauer queria significar com o termo fenômeno. De fato, tanto em nosso uso corriqueiro quanto culto da língua portuguesa, o termo aparição é normalmente empregado para indicar uma aparência extraordinária, como a aparição de um morto, a aparição de um fantasma, a aparição de um espectro, a aparição de uma assombração, a aparição milagrosa da Virgem Maria e de Jesus Cristo etc.

---

2 Cf., a esse respeito, meu artigo: Barboza, J. “Schopenhauer: die Erscheinung, das Phänomen”. In: *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer*, v.5, n.1 – 1º semestre de 2014, p.3-8.

Por muito tempo traduzi *Erscheinung* por fenômeno; porém, depois do aprofundamento no sentido do termo *Phänomen* em Schopenhauer, durante as diversas traduções que fiz de seus textos, efetuei a correção, com o que, estou seguro, o espírito da filosofia do Boddhishatva de Frankfurt é melhor captado em sua letra.

# *Metafísica da natureza*



## *Sobre o conceito de metafísica*

A segunda parte do conjunto de minhas preleções eu intitulo “metafísica” e, para diferenciá-la das duas outras partes subsequentes, de preferência a denomino “metafísica da natureza”; porém, propriamente dizendo, reside aqui uma tautologia. Queremos doravante definir o significado da palavra *metafísica*. Todos nós muitas vezes já ouvimos este termo; mas provavelmente para muitos seria bastante difícil determinar o que por ele é propriamente dito: pois o significado dessa palavra tornou-se com o tempo polissêmico e teve de acomodar-se a diversificados sistemas filosóficos. “Metafísica” – É um belo nome! para “aquilo que reside além da natureza e do que é meramente natural, que reside para além da experiência”, – ou “o conhecimento daquilo cujo aparência é a natureza, que se manifesta na natureza” – “o conhecimento do núcleo, cuja casca é a natureza; – o conhecimento daquilo para o qual a natureza se relaciona como mero signo”; nessa acepção é que a palavra soa deveras estimulante nos ouvidos de cada um que foi destinado ao pensamento profundo, para quem a aparência do mundo não satisfaz, porém gostaria de conhecer a verda-

deira essência dele. — Esse sentido já é o dado pela etimologia da palavra e, nessa acepção geral, eu também adoto a palavra metafísica. Também acredito que esse sentido coincide assaz com o originário dela. A saber, a origem da palavra são os catorze livros de Aristóteles intitulados τὰ μετὰ τὰ φυσικά:<sup>3</sup> alguns acreditam que esse título refere-se apenas ao fato de tais livros serem subsequentes à φυσικά: algo que não procede, devido à desordem, fragmentação, mutilação em que todos os escritos aristotélicos chegaram até nós: também não é factível que esse título, tornado uma palavra tão significativa, originariamente tenha tido apenas um semelhante significado exterior e prosaico. Antes, Aristóteles queria com isso também indicar o que reside para além da natureza, que ultrapassa a experiência. Trata-se ali do *ente* [*Scienden*] enquanto tal, o *ον*;<sup>4</sup> caso, portanto, se procure compreender o que constitui uma coisa enquanto ela é uma coisa, logo, o que se pode dizer do existente enquanto tal: para isso não se precisa de experiência ulterior alguma; meramente o conceito de ente em geral é levado em conta. O procedimento, por conseguinte, é *apriori*,<sup>5</sup> e um desenvolvimento de meros conceitos. Estabelece-se o mais universal em todo o nosso conhecimento e os princípios superiores: esse é o conteúdo principal da obra: que é o saber, a ciência, a experiência, a arte; também é estabelecido o princípio de contradição, e até mesmo demonstrado, bem como o do terceiro

---

3 O que vem depois da φύσις [física, natureza]. (N. T.)

4 “Algumas determinações são próprias ao ente, na medida em que ele é um ente; e investigar a verdade delas é a tarefa do filósofo.” (*Metafísica*, IV, 2; 1004 b 14).

5 Schopenhauer grafava, nestas preleções, algumas vezes, *apriori*, outras, *a priori*. Conservei essa variação. (N. T.)

excluído; investiga-se os diversos tipos de prova, assim como os quatro tipos de causa; investiga-se sobre matéria e forma; sobre conceitos e sua natureza e se eles existem em si. Há muita polêmica contra os primeiros filósofos, sobretudo contra a doutrina das Ideias de Platão. Esse é, no todo, o conteúdo. A obra é uma fonte capital da história da filosofia antiga, em que são introduzidos muitos primeiros filosofemas difíceis de refutar. O todo, contudo, possui um curso vago e desconexo: Aristóteles sempre dá saltos, sempre passa dos cem aos mil: não vai direto ao ponto, não aprofunda nem esgota investigação alguma; quando está em um ponto interessante, e achamos que, por fim, a investigação vai agora avançar de fato, ele então a dá por encerrada e passa para outra. Isso deriva precisamente do seu característico erro básico que o torna o oposto principal de Platão, a saber, um empenho insaciável por superfície, por pluralidade, por acúmulo, em vez de empenhar-se por profundidade e concentração, como Platão: ele reparte sua força no inumerável e no individual, em vez de coligi-la em um ponto. Não fosse esse erro, muito provavelmente Aristóteles já teria feito as descobertas que Kant faria 2 mil anos depois. Ele esteve bastante próximo disso em *Analíticos posteriores* (livro I, capítulo 32). –

Mais tarde, na Idade Média, toda a filosofia foi dividida pelos escolásticos conforme os moldes dessa metafísica aristotélica e, com isso, a filosofia em geral recebeu o nome de metafísica. Ela era a ciência do *ens quâ ens*:<sup>6</sup> enriqueceram e ordenaram a metafísica aristotélica, levando-a, ampliada, cada vez mais longe, e a amalgamaram com a teologia cristã: dife-

---

6 “Do ente enquanto ente”. (N. T.)

reñciam o *ens* em *ens creatum et increatum*,<sup>7</sup> e coisas semelhantes. Um princípio elementar era, por exemplo, *quodlibet ens est unum, verum, bonum*,<sup>8</sup> que deu estofo para vários capítulos. – A consumação suprema para a qual tudo aquilo convergiu mostrava-se nas *Disputas metafísicas* de Suarez. Mesmo depois do período escolástico, no entanto, a filosofia permaneceu metafísica e conservou até mesmo o corte aristotélico. Por exemplo, bem depois do *Traité de métaphysique* de Bayle, Christian Wolf ainda retrabalhou em 1700 a doutrina leibniziana, almejando uma metafísica mais elevada, completa e sistemática, inédita até então. Ela tinha quatro partes principais. 1) *Ontologia*, também denominada *filosofia prima*;<sup>9</sup> era a metafísica no sentido estrito do termo, a doutrina do ente como tal, do *ens*, da coisa em geral. 2) *Cosmologia*, a doutrina da totalidade do mundo, do seu encadeamento e de como ele existe como um todo, as leis desse encadeamento, sua ordenação e beleza, forma e matéria, origem, dependência, acaso etc. Após a consideração do mundo como um todo, chegou-se ao seu especial conteúdo: no mundo existiriam apenas duas espécies de ser, os corpos e os espíritos: os corpos foram abordados na física e, assim, separados da metafísica; os espíritos constituíam o estofo da parte 3) *Psicologia*, parcialmente *racional*, parcialmente *empírica*; a parte *racional* ensinava, sem recorrer à experiência, o que da alma se podia inferir a partir do conceito de um ser que foi criado simples, imaterial; a *empírica* ensinava o que sabemos a partir da experiência sobre o espírito humano, e subsiste ainda

---

7 “Ente criado e ente incriado”. (N. T.)

8 “Qualquer ente é uno, verdadeiro, bom”. (N. T.)

9 “Filosofia primeira”. (N. T.)